

CONSTRUÇÃO DO SABER LINGUÍSTICO NO BRASIL

Francisca Damiana Formiga PEREIRA¹
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN
Nara_deus@yahoo.com.br

Fátima Maria Elias RAMOS²
Universidade Federal de Campina Grande - UFCG
fatima-elias@uol.com.br

RESUMO: O objetivo do artigo é difundir estudos sistemáticos que tocam a questão da história do conhecimento linguístico e da história da língua, articuladamente. Esses estudos objetivam conhecer a língua e o saber que se constrói sobre ela, ao mesmo tempo em que pensam a formação linguística da sociedade brasileira. Visam também fornecer uma breve reflexão sobre como se deu a construção do saber linguístico no Brasil, destacando-se, principalmente, as contribuições relevantes de Câmara Jr. para a formação desse espaço de produção. Os pressupostos teóricos provêm das leituras efetuadas em Auroux (1992); Orlandi (2001, 2002); Orlandi e Guimarães (2002) acerca das ideias linguísticas em nosso país. O resultado dessas leituras aponta, de forma crítica, que falar de Linguística é falar de um saber sobre como a Língua Portuguesa foi legitimada e institucionalizada no Brasil, ou seja, de que modo aconteceu a constituição da nossa língua nacional. Desse modo, o processo de gramatização, surgido a princípio como meio de organização por iniciativa do estado ou para alienação e catequização dos índios, foi com o tempo se tornando um saber organizado, uma questão que envolvia a formação da identidade linguística de um povo por meio de um conhecimento sistematizado.

PALAVRAS-CHAVE: Saber linguístico. História da língua. Gramatização brasileira. Identidade linguística.

CONSTRUCTION OF THE LINGUISTIC KNOWLEDGE IN BRAZIL

ABSTRACT: This paper aims to spread systematic studies about issues of history of linguistic knowledge and history of the language, articulately. These studies aim to know the language and the knowledge that is built on it, while they think about the linguistic formation of Brazilian society. They also intend to provide a brief reflection on how was the construction of linguistic knowledge in Brazil, highlighting, mainly, the outstanding contributions of Câmara Jr. to the formation of this space of production. The theoretical assumptions come from the readings made in Auroux (1992); Orlandi (2001, 2002); Orlandi and Guimarães (2002) about the linguistic ideas in our country. The result of these readings point, critically, that talking about Linguistics is to talk about a knowledge on how Portuguese Language was legitimized and institutionalized in Brazil, in other words,

¹ Mestra em Letras pela Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (UERN/CAMEAM).

² Professora Doutora da Unidade Acadêmica de Letras da Universidade Federal de Campina Grande (UAL/UFCG) – Campus de Cajazeiras-Paraíba.

how the constitution of our national language happened. Thus, the process of grammatisation, appeared at first as a way of organization initiated by the state or for alienation and indoctrination of the Indians, was with time becoming an organized knowledge, a matter that involved the formation of the linguistic identity of a people through a systematic knowledge.

KEYWORDS: Linguistic knowledge. History of language. Brazilian grammatisation. Linguistic identity.

1 INTRODUÇÃO

Não há como considerar a língua fora do seu contexto histórico, pois o português nos foi imposto como língua. Por meio da colonização, um povo “perde” não só o território como também e, principalmente, a sua identidade cultural e linguística. Fomos “obrigados” a aceitar o estranho como nosso. A aceitação do português e o uso deste não aconteceram de forma pacífica, não foi um processo natural, foi algo planejado voltado para a ideia de domar ou domesticar os verdadeiros donos da terra. O português, inicialmente falado por poucos estrangeiros, passou a ser disseminado, e o Brasil, um aglomerado de povos e de línguas em que negros, índios, portugueses e holandeses em determinada época dividiam um mesmo espaço. A partir disso, de acordo com Orlandi (2001), o país sofre uma organização comandada pelo governo que oficializou a língua portuguesa para manter um controle de estado, propondo um processo de gramatização para uso da língua nacional “o português”.

O objetivo deste trabalho é, portanto, expor de forma sucinta os conhecimentos a respeito das ideias linguísticas no Brasil, partindo da história da linguística e da formação de um espaço de produção, passando pelas contribuições de Mattoso Câmara Jr. como um dos principais expoentes até chegar ao processo de institucionalização da linguística como ciência e disciplina obrigatória nos Cursos de Letras. Vale ressaltar que as ideias linguísticas estão intimamente ligadas à definição de língua como destaca Orlandi e

Guimarães (2001), ou seja, estudar as ideias linguísticas é tomar conhecimento da nossa própria história, do processo de identidade linguística que aconteceu através da gramatização brasileira do português como língua nacional.

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica. Segundo Fonseca (2002, p. 31-32) esse tipo de pesquisa é feita através de material e referências teóricas publicadas em escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, bem como páginas de web sites como um meio para tomar conhecimentos sobre o assunto que pretende abordar. Neste caso, para a realização desta pesquisa, utilizamos como base os aportes teóricos pautados nas leituras efetuadas em Aurox (1992); Orlandi (2001, 2002); Orlandi e Guimarães (2002) acerca das ideias linguísticas em nosso país.

Por ser um estudo que trata de questões de teor histórico, concordamos com posição de Gil (2002 p. 44) ao falar da importância da pesquisa bibliográfica para os estudos históricos, ao afirmar que “em muitas situações, não há outra maneira de conhecer os fatos passados se não com base em dados bibliográficos”.

Este estudo organiza a língua em dois momentos: o primeiro momento em referência à língua nacional e o segundo em referência língua de estado. Partindo desse pressuposto, fica mais claro entendermos alguns aspectos sobre os estudos linguísticos ou as ideias linguísticas no Brasil sobre o que discorreremos adiante.

2 A HISTÓRIA DA LINGUÍSTICA NO BRASIL

Falar de Linguística é falar de um saber sobre a língua, algo científico, institucionalizado e legitimado. Segundo Orlandi e Guimaraes (2001), a produção do conhecimento sobre língua no Brasil tem momentos distintos que se constituíram a partir de diferentes condições em que se estabeleceram as instituições educacionais brasileiras. No âmbito formal da unidade, as ideias linguísticas foram produzidas nas condições

determinadas de “língua nacional”, e no âmbito da diversidade, a produção do saber metalinguístico toma a cena e temos então uma “língua nacional” dominada, instruída e regulada pelo estado.

Não queremos aqui dar ênfase à predominância de uma língua sobre as demais existentes em nosso território, nem evidenciar a questão da língua do estado, queremos destacar o processo de constitucionalização de uma língua, símbolo de nacionalidade, uma língua que, apesar de ter sido imposta pelos portugueses, possui características próprias e brasileiras, porque o processo linguístico acompanha o processo histórico e os usuários fazem assimilações e modificações de acordo com o tempo e com as necessidades.

Nesse sentido, o processo de gramatização brasileira do português foi de extrema importância, pois construiu um caráter científico e institucional através da constituição de disciplinas e de um ensino escolar, bem como publicações na área de língua e de literatura, cuja finalidade era formar brasileiros usuários da sua própria língua, não apenas falando, mas atuando e assumindo um espaço no campo de produção linguística.

Guimarães (1996) apud Rodrigues (2002) estabelece quatro períodos para caracterizar o movimento de gramatização da língua portuguesa no Brasil. O primeiro e o segundo são marcados pelos debates entre brasileiros e portugueses sobre questões de língua, pela fundação da Academia Brasileira de Letras e também pela publicação de gramáticas importantes; o terceiro período é marcado pela fundação das Faculdades de Letras, na década de 30, pelo Acordo Ortográfico de 43, pela escolha do nome a ser dado à língua falada do Brasil e, por trabalhos de autores brasileiros, como Serafim da Silva Neto e Mattoso Câmara, que trazem uma reflexão acerca do estudo da linguagem naquele período; e já o quarto momento é marcado pela implantação obrigatória da disciplina Linguística nos Cursos de Letras.

É importante ressaltar que, como afirma Orlandi e Guimarães (1998) apud Rodrigues (2002, p. 15),

[...] embora não haja uma continuidade direta entre essas abordagens feitas sobre a língua no Brasil no século XIX e a Linguística tal como ela se constitui mais tarde em nosso país, ‘há já um trabalho de filiação que prepara o terreno para que se instale a linguística e há, sobretudo um trabalho de institucionalização da relação do sujeito brasileiro com a língua portuguesa, ao mesmo tempo em que se constituem os lugares de representação dos saberes (escola, gramática, manuais, literatura) em nossa sociedade.

É nesse terreno já preparado que o papel da linguística começa a ser aplicado, pois, partindo das condições brasileiras de construção da nacionalidade, marcada num primeiro momento no final do século XIX, e num segundo momento com o estabelecimento da Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB), no final da década de 50 do século XX, temos e adquirimos um caráter institucional, pois, de fato, só através de um embasamento científico da norma é que podemos explicar e explicitar os fatos linguísticos.

3 FORMAÇÃO DE UM ESPAÇO DE PRODUÇÃO LINGUÍSTICA

No final do século XIX, foram criadas as primeiras gramáticas e dicionários, distintas do modelo filosófico e da tradição gramatical portuguesa em geral. Orlandi e Guimarães (2001) relatam a ocorrência de uma grande proliferação de trabalhos brasileiros em busca de atribuir um lugar a vida intelectual e literária nessa época. Um aspecto interessante e que reafirma a condição da brasilidade “função-autor-brasileiro” é o fato de os autores não precisarem ser necessariamente gramáticos ou linguistas. Os professores, escritores, historiadores e jornalistas ocupavam nessa época duplo papel e função institucional.

João Ribeiro foi um dos historiadores mais significativos do Brasil, conhecido por romper a tradição lusitana que se limitava à história dos fatos administrativos e políticos, procurou privilegiar a história do povo, da cultura, permitindo ao brasileiro se representar e

se dizer de outra maneira, que não a instaurada pela história portuguesa. Nesse momento percebemos que a língua, a história e a literatura desempenham papel de singular importância para a formação do Brasil.

Com relação à gramática, segundo Auroux (1992, p.65), “por gramatização deve-se entender o processo que conduz a *descrver* e *instrumentar* uma língua na base de duas tecnologias, que são ainda hoje os pilares do nosso saber metalingüístico: a gramática e o dicionário”.

Sobre este processo, a visão de alguns autores da época é justamente sobre um olhar descritivo e não normativo dos fatos, não no sentido de querer definir um modelo correto do uso da língua no âmbito da fala ou da escrita, mas um viés histórico no sentido de conhecer sobre aquela língua, sobre a língua do Brasil, falada por Brasileiros.

Ainda no final do século XIX, gramáticos da tradição filosófica e filólogos com sua gramática histórico-comparativa, reivindicaram a formulação de uma gramática do português essencialmente brasileiro, a partir disso, percebemos uma mudança com relação ao estudo da língua nacional, isso fica mais acentuado com a contribuição do estruturalismo de Mattoso (1950) e sua gramática descritiva, que será abordado mais adiante.

Em 1959, a Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB) é estabelecida e decretada pelo estado, para o ensino no Brasil de uma norma fixa dos fatos gramaticais, anulando a posição de alguns autores que faziam menção aos fatos de linguagem, agora tinham uma homogeneidade da nomenclatura oficialmente imposta a ser seguida. Discussões entre gramáticos foram suscitadas, foi então necessário o auxílio do estudo científico que compete aos linguistas, e a partir disso, a língua não era mais uma competência restrita e de responsabilidade apenas dos gramáticos, a ciência Linguística agora ganha autoridade para intervir na produção das gramáticas do português no Brasil.

4 AS CONTRIBUIÇÕES DE MATTOSO CÂMARA JR. PARA A INSTITUCIONALIZAÇÃO DA LINGUÍSTICA E DAS IDEIAS LINGUÍSTICAS NO BRASIL

Considerado o pioneiro e o pai da linguística moderna no Brasil, Joaquim Mattoso Câmara Jr. assume por meio de descrições científicas, a posição de linguista como analista pela descrição da língua portuguesa e para o (re)conhecimento dos estudos linguísticos no Brasil.

Não podemos desconsiderar a grande importância das suas obras para o processo de institucionalização das ideias linguísticas no país. Guimarães (1996) apud Rodrigues (2002) sobre duas obras de Mattoso afirma que “Princípios de Linguística Geral” produziu a evidência da língua portuguesa como sistema e “História e Estrutura da Língua Portuguesa” consolidou o lugar da língua portuguesa como espaço da descrição linguística.

O conhecimento linguístico consiste em práticas reflexivas sobre o uso da língua em suas várias formas de comunicação e difusão, e Mattoso se posiciona de modo singular e diferenciado, seguindo a linha estruturalista e a fim de firmar um estudo científico da língua nacional no Brasil, inicia um trabalho em que podemos perceber um novo discurso e práticas sobre língua no Brasil.

As contribuições de Câmara Jr. são particularmente importantes pela preocupação com a descrição do português e as suas características linguísticas; pela questão dos estudos estilísticos frisados na língua e na literatura, tendo a estilística como ponto de cruzamento entre essas duas áreas e afirmando a estilística como um complemento para a gramática; pela história das ideias linguísticas no sentido de explicar e descrever como a linguística se constituiu na Europa e nos Estados Unidos e como a linguística brasileira posicionava-se frente essas duas vertentes: na Europa pelos estudos filológicos e na

América pelo estudo descritivo e pragmático das línguas; pela divulgação científica das teorias linguísticas nas revistas da época, como a *Revista Brasileira de Filologia* e o *Boletim de Filologia*, no Rio de Janeiro, assim como publicações de pesquisas linguísticas, resenhas e obras de americanos e europeus. Mattoso é sem dúvidas o maior expoente da linguística moderna no Brasil, pois teve toda uma preocupação em desenvolver estudos linguísticos que ajudassem ou pudessem contribuir para o ensino do português, todo o cuidado em transferir o conhecimento linguístico por meio da tradução de textos científicos para uma linguagem acessível em que todos pudessem compreender, de forma didática, as características e funcionalidade da língua.

E sobre a Nomenclatura Gramatical Brasileira, Câmara Jr. (1959) apud Baldini (2002, p. 33) afirma:

Não há aí [na NGB] qualquer doutrina gramatical coerente. O erro fundamental foi, mesmo, o de se querer com isso regularizar e simplificar a nomenclatura, sem intenção de firmar qualquer doutrina. Ora, a terminologia está visceralmente dependente de uma teoria e sem esta não tem real utilidade. A consequência é que o estatuto, oficialmente estabelecido, funciona como um empecilho, que cerceia e desorienta os esforços para uma teoria satisfatória em gramática descritiva.

Percebemos a crítica e a objetividade de Câmara Jr. ao falar da nomenclatura, pois como estruturalista visa à gramática sobre o ponto de vista da reflexão do uso da língua e não apenas para fins normativos de correção gramatical. Defende e propõe que os fatos (formas da língua, agrupamento e classificação dessas formas, noções de tempo e número, evento e realidade social) da linguagem sejam analisados em sua realidade, ou seja, que a partir da estruturação dessas formas e fatos, a língua portuguesa possa funcionar de forma eficiente na comunicação.

Embora a noção de gramática descritiva já tivesse sido apresentada anteriormente por outros autores como, por exemplo, Said Ali que anunciou a distinção entre dois tipos de gramáticas: uma prática chamada de normativa e uma científica, Câmara Jr. ganhou

destaque e ficou conhecido com a obra “Estrutura da Língua Portuguesa” (1970) que assumiu o posto de gramática descritiva científica, a primeira da época.

Câmara Jr., com uma ampla compreensão que desenvolveu desde cedo acerca da linguagem e do estudo das línguas, transitava sobre as áreas da morfologia, fonologia, e sobre o estudo de línguas indígenas brasileiras, seus livros sempre pautados na coerência e na pertinência das ideias atuaram positivamente sobre muitos estudiosos da língua e da linguística. Mattoso participou de vários congressos a nível nacional e de um a nível internacional, conta relatos desses congressos não como alguém que vivenciou estar neles, mas como um divulgador do interesse para a necessária criação de congressos de Linguística no Brasil.

Segundo Orlandi (2002), Câmara Jr. aponta a importância das associações e dos congressos sobre as ideias linguísticas no Brasil, revelando um projeto: “o de termos nossas instituições e procedimentos coletivos para fazermos nossa história, traçarmos a visibilidade pública de nossa tradição. O que mostra certo gosto pela independência e, ao mesmo tempo, uma não indiferença com a história”, ou seja, aponta para um projeto que possa organizar, aprimorar, representar e dar visibilidade a área de linguística através da criação de nossas associações e realização dos nossos Congressos de Linguística.

Orlandi (2002) também comenta que, neste cenário de institucionalização da Linguística no país, com a criação das associações, os linguistas estavam organizados e divididos em dois argumentos: os que defendiam a posição de representação da Linguística para fora da Universidade e aqueles que mantinham uma posição reservada face às articulações de criação das associações.

[...] de lado, os que se preocupavam em dar uma representação, uma visibilidade social à linguística visando a organização de seu campo, seu “aprimoramento” no Brasil, e, de outro, os que dedicavam ao processo de sua consolidação institucional (uma disciplina autônoma, com seus

programas, seus objetivos, seu lugar institucional) (ORLANDI, 2002, p 58).

A termo de informações sobre essas associações brasileiras, temos a “*Abralin* (*Associação Brasileira de Linguística*), *GEL* (*Grupo de Estudos Linguísticos*) e *ANPOLL* (*Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística*)”, estas, com semelhanças e diferenças em sua maneira de organização e realização de palestras e congressos. A ABRALIN, idealizada por Câmara Jr., possui um caráter nacional e tem uma preocupação com os participantes e com o perfil dos seus membros; já o GEL cujo perfil é regionalista, prioriza temáticas relacionadas ao ensino e é aberta a professores de linguística de universidade, de escolas públicas ou privadas; a ANPOLL tem também uma dimensão nacional, procura organizar a produção existente na área e estimular as possibilidades através da articulação de docência e pesquisa, aberta a duas categorias de membros: os efetivos e os colaboradores. Segundo Orlandi (2002), embora a ABRALIN e o GEL tenham um caráter formador e a ANPOLL um caráter formulador de pesquisas científicas, o fato é que todas são voltadas para a divulgação de ideias, o que as diferem são instrumentos utilizados (comunicações, GTs, conferências) e pelo alcance institucional.

A criação dessas associações junto às contribuições de Câmara Jr. e demais autores brasileiros foram de extrema importância para a divulgação e institucionalização da linguística, assim como das ideias linguísticas no Brasil. É importante salientar nesse processo que a disciplina linguística que se tornou obrigatória nos Cursos de Letras não tinha o caráter e a dimensão tão profunda quanto a que temos conhecimento nos dias atuais. Alguns professores da época ministravam aulas de linguística sem ter um conhecimento essencialmente pautado nessa ciência, sendo, portanto, a princípio algo um tanto superficial, visto que os educadores não estavam cientes do que acontecia nos congressos, e das mudanças ou da real finalidade do ensino de linguística nas instituições.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos observar ao longo deste trabalho que as ideias linguísticas no Brasil foram se consolidando à medida que aconteceu a construção de uma língua nacional, símbolo da nacionalidade brasileira e das condições de produção que iam ganhando espaço e necessidade de atuação. Sabemos da importância de se conhecer todo esse aparato histórico que diz respeito à identidade da nossa nação, tendo em vista que estudar o passado para compreender o presente é de suma relevância, pois a partir do momento que tomamos conhecimento, através de referências dos fatos ocorridos, é que podemos fazer uma reflexão acerca da história que, erroneamente, foi contada e da história que realmente aconteceu: o Brasil não foi descoberto porque já havia uma comunidade possuidora (os índios) e a língua portuguesa foi, sim, imposta, não assimilada com os mesmos traços e nem com tamanha rapidez, pois já tínhamos uma língua (o tupi) e, além desta, outras línguas já se faziam presentes, e somos influenciados direta ou indiretamente pelo meio e pelas condições a qual estamos expostos.

Assim, o processo de gramatização, surgido a princípio como meio de organização por iniciativa do estado ou para alienação e catequização dos índios, foi com o tempo se tornando um saber organizado, uma questão que envolvia a formação da identidade linguística de um povo por meio de um conhecimento sistematizado. E nesse sentido, o Brasil passa por inúmeros momentos na sua formação histórica até chegar ao alcance da independência.

Mattoso Câmara Jr. é um nome de grande relevância, no que diz respeito à construção da linguística enquanto ciência e da institucionalização das ideias linguísticas no Brasil, pois com tamanha capacidade se destacou dos demais estudiosos que se interessavam pelos estudos da linguagem, mostrando comprometimento com questões do

português, assim como com o estudo das línguas indígenas, realmente um apaixonado pela linguagem. Câmara Jr. assume o papel de linguista analista e traz para as gramáticas um caráter descritivo científico, com isso, promove nos congressos que participou, e em palestras que realizou a importância da participação e da criação de congressos e associações em território brasileiro e organizado por brasileiros, e através desse trabalho de divulgação, que foi sua maior contribuição, conseguiu criar a ABRALIN e tornar-se singular entre os demais. Ao consolidar ideias com base em estudos científicos sobre os fenômenos da língua portuguesa, e com a criação da disciplina linguística obrigatória nos Cursos de Letras, a Linguística, de fato, se instaura em solo brasileiro e assume o papel de ciência da linguagem, essencialmente pautada em ideias linguísticas.

REFERÊNCIAS

AUROUX, S. **A revolução tecnológica da gramatização**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1992.

BALDINI, L. João Ribeiro e Mattoso Câmara entre os fatos da linguagem. In. GUIMARÃES, E. e ORLANDI, Eni P. (Orgs). **Institucionalização dos estudos da linguagem**. A disciplinarização das ideias linguísticas. Campinas, SP: Pontes, 2002, p. 31-39.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007

GUIMARÃES, E. e ORLANDI, Eni P. Formação de um espaço de produção linguística: a gramática no Brasil. In. ORLANDI, Eni P. (Org). **História das ideias linguísticas: construção do saber metalingüístico e constituição da língua nacional**. Campinas, SP: Pontes, 2001, p. 21-38.

GUIMARÃES, E. Entre o estilístico e o gramatical: Mattoso Câmara na história da linguística do Brasil. In. GUIMARÃES, E. e ORLANDI, Eni P. (Orgs). **Institucionalização dos estudos da linguagem**. A disciplinarização das ideias linguísticas. Campinas, SP: Pontes, 2002, p. 23-30.

ORLANDI, Eni P. Ir ao Congresso: Fazer a história das ideias linguísticas?. In. GUIMARÃES, E. e ORLANDI, Eni P. (Orgs). **Institucionalização dos estudos da linguagem**. A disciplinarização das ideias linguísticas. Campinas, SP: Pontes, 2002, p. 41-62.

RODRIGUES, Suzy Lagazzi. A língua portuguesa no processo de institucionalização da linguística. In. GUIMARÃES, E. e ORLANDI, Eni P. (Orgs). **Institucionalização dos estudos da linguagem**. A disciplinarização das idéias lingüísticas. Campinas, SP: Pontes, 2002, p. 13-22.